

## RESPOSTA: UM APELO BÍBLICO PARA QUE O POVO SANTO DE DEUS ACEITE UMA PERFEIÇÃO MENOS PERFEITA

Mauricio Constantino Ricaldi, Região Mesoamérica

O que significa ser um Povo Santo, capacitado pelo Espírito Santo? É assim que Rob Fringer começa o seu trabalho, com uma pergunta que, à primeira vista, parece simples, mas que, ao meditarmos sobre ela, sem a típica urgência contemporânea, nos convida a fazer uma pausa. Para aqueles que poderiam ser rápidos em acusá-lo, ele continua e deixa claro que a aparente contradição de falar em uma perfeição menos perfeita não é incoerente, e sim uma realidade deste povo santo de Deus. E, no mais puro estilo sueco, ele nos convida a ficar para tomar um café. Daqueles que não se toma com pressa, mas compartilhando com calma, com o coração pronto para a discussão, e a partir daí se dedicar a complementar o que falta.

Fringer divide seu ensaio em cinco conceitos e procura responder à seguinte pergunta: “Por que é necessário que o povo santo de Deus aceite uma perfeição menos perfeita?” Para alcançar esse objetivo, ele começa apresentando um vislumbre eclético sobre o conceito de santidade, advertindo que todo o povo santo deve ser entendido como insuficiente individualmente, e, portanto, nos incita a ver todas as pessoas que constituem o povo santo como interdependentes. Sabiamente, ele revela que até a maneira de tornar a santidade conhecida tem sido imperfeita ou incompleta<sup>1</sup>.

Em seguida, fazendo um tipo de diagnóstico, Rob Fringer reconhece a tendência a desenvolver uma teologia da santidade a partir da individualidade e ignorar quase completamente o aspecto comunitário. De modo semelhante (Snyder, 2005), ele declara que: “Em geral, o protestantismo tem colocado o indivíduo acima da comunidade (p. 128)<sup>2</sup>”. Tem se tornado cada vez mais comum nos esquecermos de que Jesus está onde dois ou três se reúnem em Seu nome<sup>3</sup>. Fringer, de modo imperativo, reconhece que “A comunidade não é o meio, é o alvo”. Rob não despreza o indivíduo, mas combate o viés da confirmação individual e conclui, portanto, que: “Não existe essa coisa de santidade individual e apenas como corpo de Cristo, como um todo, podemos nos aproximar da perfeição”. De modo complementar, o Dr. Bhebhe (2022), em seus escritos, nos adverte de que tem sido um erro falar de pecado como algo meramente individual, e afirma que devemos chamar isso de “domesticação do pecado” (p. 6) e que ela tem produzido uma espiritualidade individualista<sup>4</sup>.

Eis a questão: como Rob usa o conceito de imperfeição? Ele reconhece que devemos falar de imperfeição em termos de relacionamentos. Ele explica que o relacionamento que foi rompido por causa da queda, que afetou profundamente a identidade central do ser humano, ao separá-lo de Deus, e esse sentimento profundo de que a existência é incompleta, por causa da

---

<sup>1</sup> Thomas Noble points out that John Wesley was limited in expressing his theology because he was a man of his own time, with intellectual limitations as a man prior to all the discovery that has been made recently in the areas of the humanities and that today help the field of theology. He also acknowledges that Wesleyan doctrine has been very poorly understood. Tom Noble (2013), *Holy Trinity: Holy People: The Theology of Christian Perfecting* (Didsbury Lecture Series). Cascade Books.

<sup>2</sup> Howard A Snyder (2005), *The King's Community* (Victoria Bonino de Altare, Trad. Second). Ediciones Kairós.

<sup>3</sup> Matt. 18:20.

<sup>4</sup> Bhebhe, S. M. (2022). *God's Eternal Plan: Gathering, Shaping, and Molding a Holy People for God's Pleasure. Didache: Faithful Teaching*, 22(1).

incapacidade do ser humano de se sentir “completo” ou “inteiro”; é por isso que ele se isola dos outros. Schaeffer já tinha apresentado as quatro grandes rupturas do ser humano e como elas afetaram profundamente a criação de Deus desde então<sup>5</sup>.

Do mesmo modo, para Fringer, a causa da imperfeição da humanidade é a perda da comunidade, uma vez que o pecado maculou a imagem de Deus na humanidade e isso afetou profundamente a capacidade do ser humano de se relacionar com Deus, consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Uma vez que a imagem de Deus é essencialmente comunitária. Em outras palavras, Bhebhe aponta que “A única coisa que Deus afirma não ser boa em sua criação é a solidão de Adão” (p. 6)<sup>6</sup>. De modo semelhante, Leclerc (2010) observa que Wesley apoiava entusiasticamente a ideia de que a imagem de Deus no ser humano significa a capacidade de amar (p. 158)<sup>7</sup>. Noble também concorda em definir o pecado original como “*uma atitude mental egoísta, colocar a mente na carne ou ter um desejo egocêntrico*”<sup>8</sup> (p. 115). Portanto, o que foi perdido no pecado original foi a capacidade de amar e, conseqüentemente, estar em comunidade. Da mesma maneira, Fringer conclui em uma observação imperdível: “perdemos a santidade”.

Conseqüentemente, a santificação é compreendida como a restauração da capacidade de amar<sup>9</sup>. Acompanhando Wesley quando este expressa que “o amor... exclui todo tipo e nível de inveja do coração” (Wesley, 1998)<sup>10</sup>. É por isso que, para Fringer, a salvação é a irrupção de Deus trazendo reconciliação e restauração, e identifica a restauração como santificação.

Como um terceiro ponto, ele desenvolve o tema da obra do Espírito, ressaltando que existe uma tendência a individualizar a presença do Espírito ao ponto de que alguém possa vir a crer que existem muitos espíritos, em vez de apenas um, e em expressões que são contrárias à Escritura. Para Fringer, o Espírito Santo também opera em termos comunitários. Ele aponta que no Novo Testamento o Espírito pode ser visto como aquele que está gestando a nova comunidade em Seu santo amor<sup>11</sup> e que Ele é aquele que prepara para a edificação. A partir deste conceito do Espírito Santo na comunidade, Fringer elabora uma de suas declarações mais significativas: “Apenas como corpo de Cristo podemos ser santos como Deus é santo”. Neste ponto, não seria mais escandaloso dizer que ninguém é santo sem comunidade.

---

<sup>5</sup> The first rupture with God, has caused a dissatisfaction with oneself (feeling shame for their nakedness), rejection and hostility towards others and the destruction of nature. Francis A. Schaeffer. (1976) *Pollution and the Death of Man. A Christian Approach to Ecology*. (Javier José Marín, Trans.) (Second). El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano.

<sup>6</sup> Bhebhe, S. M. (2022). *God's Eternal Plan: Gathering, Shaping, and Molding a Holy People for God's Pleasure. Didache: Faithful Teaching*, 22(1).

<sup>7</sup> Leclerc. (2010). *Discovering Christian Holiness. The Heart of Wesleyan-Holiness Theology*. Beacon Hill Press.

<sup>8</sup> Noble (2013), *Holy Trinity: Holy People*.

<sup>9</sup> At this point it would be worth recognizing that for Lodahl the heart of holiness is love, rather than considering purity, separation, perfection and so on as the center for their inability to fully embrace the sense of holiness. Lodahl, M., & Oord, T. J. (2013). *Relational Holiness. Responding to the Call of Love*. (Kindle). Beacon Hill Press of Kansas City.

<sup>10</sup> John Wesley (1998), *A Plain Account of Christian Perfection*. Wesleyan Heritage Publications.

<sup>11</sup> Wood points out that baptism with the Holy Spirit of Christ means primarily one thing, a baptism of His holy love (p. xii). Wood, L. (2018). *Pentecost and Sanctification. In the Writings of John Wesley and Charles Wesley with A Proposal for Today* (Kindle). Emeth Press.

Podemos comparar isto com o que Paulo ensina sobre aqueles que se deixam ser guiados pelo Espírito sendo capacitados para produzir o fruto do Espírito, que é amor. Para Paulo, a presença deste fruto exclusivo tem consequências comunais, porque apenas onde há amor pode haver paciência, bondade, fidelidade, amabilidade e domínio próprio, e todos eles são vividos dentro de uma comunidade<sup>12</sup>. Sendo assim, Wright aponta que o amor é uma linguagem que deve ser aprendida, um instrumento musical que deve ser praticado, uma montanha que deve ser escalada por caminhos difíceis. Portanto, indica Wright, “faz parte da vida do cristão aprender a falar a linguagem de Deus, que é o amor, porque somos chamados a aprendê-la até o dia em que o mundo de Deus e o nosso se encontrem para sempre” (Wright, 2012, p. 253-261).<sup>13</sup>

Em sua quarta análise, Fringer escreve sobre a perfeição como imperfeita. Ele ressalta que o sentido de *telos* e *teleios* varia muito mais no texto bíblico. Ele observa que, por causa da influência do latim, esses dois termos são frequentemente interpretados como “sem mancha e sem defeito” e declara que “Cristo, e somente Cristo, é o único ser humano que cumpriu esta definição da palavra”. Noble também observa que nenhum autor bíblico e nenhum dos grandes mestres do cristianismo ensinou “perfeição sem pecado” (2013, p. 22)<sup>14</sup>.

Consequentemente, Fringer desenvolve o tema da perfeição a partir do amor de Deus e a conecta com a ideia de que ser perfeito significa: “ser adequado para o propósito”. Para Fringer, somos perfeitos quando cumprimos nosso propósito de amar a partir do amor de Deus. Sendo assim, o crente deve se esforçar ativamente para se alinhar com os modos de pensar e agir do Reino de Deus. Ele nos encoraja a ter relacionamentos movidos pelo amor de Deus e apoia o entendimento de que o amor produz a maturidade. Ele adverte que a perfeição cristã precisa ser encarnada na comunidade. Pois a vida santa não é a ausência de imperfeições, mas permanecer em Cristo como cabeça e manifestar a presença do Espírito Santo que compensa a imperfeição individual de cada membro do corpo de Cristo. É por isso que ele declara, de modo liberador: “Essa é a esperança do mundo; não nós, mas Cristo em nós”.

Finalmente, ele aborda a questão da comunidade. Para desenvolver este ponto, ele se concentra na espiritualidade sensível que os salmistas desenvolveram quando se conectavam com Deus. Para Fringer, esse é um tipo de intimidade que só podemos ter quando o ser humano é vulnerável diante de Deus e abre a sua mente e o seu coração, deixando expostas as cicatrizes da corrupção que ele sofreu. Ele aponta que a igreja de Cristo deve continuar com esse tipo de sensibilidade voltada não apenas a Deus, mas também aos irmãos e irmãs em Cristo. Ele acrescenta que a Igreja deveria ser capaz de ser transparente e vulnerável no contexto da comunidade. E, embora ele conclua que o corpo de Cristo é constituído por todos os tipos de imperfeições e pecados, a partir dessa condição menos perfeita, esses elementos fazem parte dessa comunidade santa, e que, partindo dessa corrupção, ele pode oferecer a paz de Cristo ao mundo. A partir de outra perspectiva, Bhebhe concorda com Fringer quando ele fala de relacionamentos redentivos que nascem da humildade de ouvir a Deus e ver outros a partir daí, sendo assim capazes de ter diálogos transparentes e vulneráveis que nos mostram Deus de maneiras antes desconhecidas <sup>15</sup>(p. 8).

---

<sup>12</sup> Galatians 5:22-26 (NIV).

<sup>13</sup> Wright, N.T. (2010/2012) *After You Believe: Why Christian Character Matters*. HarperCollins

<sup>14</sup> Noble (2013), *Holy Trinity: Holy People: The Theology of Christian Perfecting*. Cascade Books.

<sup>15</sup> Bhebhe, S. M. (2022). *God's Eternal Plan: Gathering, Shaping, and Molding a Holy People for God's Pleasure*. *Didache: Faithful Teaching*, 22(1).

Pessoalmente, eu acho que este é um texto que devemos percorrer lentamente, apreciando os comentários e saboreando essas ideias que, à primeira impressão, podem parecer intensas. Considero este um texto imperdível devido ao seu esforço constante para abordar nossa herança doutrinária a partir de sua dimensão de comunidade. Como alguém tecendo uma corda de amor, nós o vemos perseverando por toda a teologia a partir do vínculo perfeito, para que nossas imperfeições terríveis possam ser cobertas com amor. Evocando Eugene Lowry falando sobre identidade (2001, p. 37), ele declara que: “somente quando me vejo amado por outra pessoa é que posso descobrir de verdade quem sou” (p. 64). Poderíamos acrescentar:<sup>16</sup> “quando outra pessoa me ama, mesmo que isso seja imperfeito”. Assim, podemos falar em recuperar a identidade, a qual Fringer demonstrou que está perdida por causa do pecado.

No final, a leitura me fez pensar sobre como será a vida futura quando Deus habitar entre nós, em meio a um reino de sacerdotes. Seremos árvores plantadas junto a águas vivas,<sup>17</sup> onde produziremos frutos e nossas folhas serão para a cura das nações,<sup>18</sup> porque nessa grande comunidade de milhares de homens e mulheres, viver juntos será um alívio. Mas, ao alcançarmos a linha de chegada, continuemos tentando, como diz Fringer, “porque a santidade está na jornada”.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> Eugene L. Lowry. (2001). *The Homiletical Plot. The Sermon as Narrative Art Form*. Westminster John Knox Press (1953).

<sup>17</sup> Ps. 1:3.

<sup>18</sup> Rev. 22:2.

<sup>19</sup> Noble, T. A. (2013). *Holy Trinity: Holy People: The Theology of Christian Perfecting*. Cascade Books.